

Metodologia de Pesquisa em Análise do Discurso Face aos Novos Suportes Midiáticos

Welisson Marques*

Não penso, portanto, que a Análise do discurso, tal como a praticávamos ontem e tal como ela é ainda hoje frequentemente concebida, essa que continua a ser uma análise do texto verbal, esteja apta a interpretar e a compreender essas transformações. É necessário pensar em outros objetos, inventar outras ferramentas, conceber outras Análise do Discurso (poderemos, aliás, ainda chamá-la assim?...) que continue tão atenta ao peso da história quanto às metamorfoses dos materiais discursivos significantes.

Jean Jacques Courtine

Resumo: O objetivo deste artigo é discorrer sobre procedimentos metodológicos utilizados na Análise do Discurso de linha francesa (AD). Por ser uma disciplina que não tem metodologia pronta, ao lançar mão dos elementos constitutivos do arcabouço teórico que balizam as análises, o analista alça, concomitantemente, seus dispositivos metodológicos. Em outras palavras, teoria e metodologia em AD são inseparáveis. Sendo assim, explicitaremos acerca da noção de discurso a que nos referimos neste artigo, e, neste ínterim, discorreremos sobre determinados procedimentos utilizados na seleção e organização de *corpora*. Ademais, refletiremos sobre alguns avanços epistemológicos que a disciplina deverá sofrer, partindo, para tal, da abertura deixada por Pêcheux em seus últimos trabalhos, bem como da realidade dos novos suportes discursivos. Para concluir, bosquejaremos duas análises de imagens veiculadas pela mídia impressa pautando-se nos dispositivos teórico-metodológicos aqui explicitados.

Palavras-Chave: Análise do Discurso; Metodologia; Imagem; Novos Dispositivos.

Abstract: The aim of this article is to reflect about methodological procedures used in the French Discourse Analysis. As it is a theory which does not have any ready methodology, when the analyst opts for some theoretical items which will serve as basis for the analysis, he will be selecting, in this same process, the methodological devices. In Discourse Analysis, theory and methodology are inseparable. We will start presenting the notion of discourse used in this article, and, in this context, we will go ahead pointing out some procedures used in the selection and organization of *corpus*. In addition, we will reflect on the epistemological advances in which this theory might suffer, starting from the opening left by Pêcheux in his last works, and also from the reality of new discursive supports, such as the media, image and audio-visual supports. Finally, two images will be put into analysis based on the theoretical and methodological procedures presented here.

Keywords: Discourse Analysis; Methodology in DA; Image; New Devices.

* Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia.

Breve Preâmbulo: Metodologia de Pesquisa nos estudos da Linguagem

O campo de estudos linguísticos é amplamente heterogêneo. Atualmente, inúmeros cursos de pós-graduação no Brasil que contemplam estudos nessa área apresentam uma variedade de linhas de pesquisa: estudos estruturalistas, gerativistas e filológicos; outros que abordam questões da sociolinguística, enunciação, lexicologia; estudos do texto, tipologias, gêneros; questões ligadas ao ensino-aprendizagem de línguas materna e estrangeiras. Ademais, e, em especial, há os estudos que abarcam a dimensão do discurso em suas mais variadas vertentes (psicanalítica, gramático-textual, histórica, etc.).

Entretanto, como foi, grosso modo, assinalado, podemos incorrer no erro de pensar haver certo fechamento desses campos. Algo impossível se se considerar que os diálogos são inevitáveis. À guisa de ilustração, é possível dentro da linguística textual, observando os parâmetros metodológicos adotados, lançar mão de critérios de interpretação voltados, por um lado, para uma linha estruturalista-gerativista ou, por outro, se situar em parâmetros discursivo-textuais. Na coleta de dados, o pesquisador pode adotar também metodologias diversas: quantitativa, apenas qualitativa ou, mesmo, reunir as duas.

Pensar em metodologia de pesquisa nos estudos linguísticos é, portanto, considerar a amplitude e heterogeneidade de teorias, conforme assinalamos acima. Destarte, como o próprio título deste artigo sugere, voltar-nos-emos para um campo específico da linguística, a saber: a Análise do Discurso (doravante AD). Porém, antes de tecermos alguns esclarecimentos sobre os procedimentos metodológicos utilizados no interior da AD (e em face da heterogeneidade constitutiva da área), nosso primeiro empreendimento será definir em que consiste o sintagma “Análise do Discurso”.

O discurso como objeto de análise

O termo discurso possui diferentes concepções, nenhuma fixa, nenhuma pronta, visto que o mesmo se situa no exterior da Linguística “dura”, da “verdadeira linguística” – aquela adequadamente alçada por Saussure ([1916] 1971) no Curso de Linguística Geral.

A distinção da Linguística saussuriana com a linguística da fala se dá pelo fato de Saussure delimitar o objeto de estudos do linguista, isto é a língua em si e, nesse talhe, suspender os resíduos externos envolvidos na enunciação tais como o sujeito, a história, o contexto comunicativo, a ideologia, entre outros.

Pêcheux ([1975] 1988) rompe com a noção de língua enquanto sistema ou estrutura. Para ele a língua é a materialidade do discurso que traz a ideologia em si, pois o indivíduo é interpelado em sujeito pela própria ideologia. Assim, para se chegar às noções de sujeito e sentido, dois conceitos essenciais para se compreender o discurso, este teórico demonstra inquietude diante do fato de que o significado das coisas esteja intrincado a uma concepção estruturalista e crítica, por exemplo, os semanticistas que tendem a buscar uma homogeneização semântica ignorando outros elementos envolvidos no ato enunciativo. Ele critica essas vertentes teóricas, como é o caso da semântica estrutural em que a ideologia e a história são apagadas.

Pautado em Schaff, Pêcheux nos remete à importância do sócio histórico como forma de compreensão daquilo que é efetivamente enunciado. Schaff demonstra como aspectos pragmáticos e funcionais devem ser levados em consideração quando se trata dos processos semânticos, e é justamente esse o ponto de partida para a teoria do discurso pecheutiana: reconhecer a semântica como ponto nodal das contradições e como ela está ligada à filosofia por meio do materialismo histórico marxista.

Pêcheux é norteado pela relação da língua com a história e os sujeitos falantes. E é nesse contexto que entra o materialismo histórico e a propositura de formular uma teoria que consiga explicar os processos semânticos não mais à luz da lógica-estrutural: “nessa medida, e especialmente no que diz respeito à ‘Semântica’, o estruturalismo linguístico não pode deixar de desembocar em um *estruturalismo filosófico* que tenta abarcar no explicável o resíduo inexplicável” (PÊCHEUX, *Ibidem*, p. 23).

Em comentários posteriores¹ referindo-se à “objetividade minuciosa” dos semanticistas de sua época, vemos urgir em Pêcheux aquilo que o inquieta: o que é tido como falta, deficiência, carência, ou mesmo paralisia na análise linguística de textos, que fazia até mesmo com que se criasse uma “*prótese teórico-técnica*” para tentar resolver o problema do apagamento da ideologia (*Ibidem*, p. 22). Sendo assim, adentrar a noção de sentido é romper com a perspectiva lógico-estrutural. Para Pêcheux, a classe social, a interpelação cultural e sócio histórica do sujeito são elementos determinantes dos sentidos.

¹ Referimo-nos aqui ao texto originalmente publicado em 1981 prefaciando o livro de Courtine (2009) sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos.

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. [...], não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 160)

Em outras palavras, o sujeito discursivo mobiliza determinadas formas lexicais para evidenciar uma tomada de posição enunciativa, “o que quer dizer que elas (as palavras) adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 160). Nesse ínterim, o sujeito em AD se inscreve enunciativamente em dado lugar discursivo, pois ao enunciar, manifesta-se inscrito em determinada formação discursiva (doravante FD). Pêcheux (*Ibidem*, 160-161) argumenta: “chamaremos, então, formação discursiva, aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes. (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 160-161)

Sobre o discurso, Pêcheux postula que “não se trata de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” ([1969] 1990, p. 82). No entanto, os sentidos não estão soltos, não se faz qualquer interpretação, ao contrário, eles “estão sempre ‘administrados’” adverte-nos Orlandi (2009) conforme as regularidades que os compõem.

Mas qual é a relevância dessas questões no que tange à metodologia a ser utilizada em AD? Ora, a Análise do Discurso é um campo de pesquisas que não possui uma metodologia pronta. Isto significa que ao lançar mão dos elementos constitutivos do arcabouço *teórico* que balizarão suas análises, o analista do discurso estará ao mesmo tempo alçando os dispositivos

metodológicos. É o objeto e as perspectivas da pesquisa que vão impondo a teoria, pois em AD, conforme assinalamos, teoria e metodologia são inseparáveis.

Desse modo, as pesquisas nesse viés possuem sempre um caráter qualitativo-interpretativista. Não há análise quantitativa de dados. Busca-se, no geral, realizar uma “exaustividade vertical” como dispositivo analítico (ORLANDI, 2009, p. 62) considerando os objetivos da pesquisa que podem incluir os efeitos de memória, da história, as ideologias, as heterogeneidades constitutiva e mostrada, os não ditos. Pode-se também observar elementos icônicos, gráficos e a relação destes com a linguagem-verbal, geralmente com o intuito de compreender os efeitos de sentidos produzidos pela materialidade linguística e não linguística (isto é, a imagética, as substâncias, etc.).

Em AD, a metodologia de análise não consiste em uma leitura horizontal, ou seja, em extensão, do início ao fim do texto tentando compreender o que o mesmo diz, uma vez que todo discurso é incompleto. Mas, realiza-se uma análise em profundidade, que é possibilitada pelo batimento descrição-interpretação em que se verifica, por exemplo, posições-sujeito assumidas, imagens e lugares construídos a partir de regularidades discursivas evidenciadas nas materialidades. Dito de outro modo, o pesquisador utiliza-se de dada teoria, ou melhor, de procedimentos teóricos que subsidiarão a análise conforme o enfoque da pesquisa observando o objeto. Ao analisar o objeto, é necessário recorrer novamente à teoria. Daí, o procedimento analítico se dá nesse vai e vem entre a descrição e a interpretação.

Parâmetros metodológicos para organização de *corpus*

No que concerne à seleção e organização do *corpus*, duas noções que são comumente utilizadas é o recorte (Orlandi, 1989) e o enunciado (Foucault, [1969] 1995).

Segundo Orlandi (1989, p. 36), o recorte refere-se a uma unidade discursiva entendida como fragmentos correlacionados de linguagem e situação. Para essa autora cada texto é um conjunto de recortes discursivos que se entrecruzam e se dispersam; um recorte é um fragmento da situação discursiva e a análise empreendida efetua-se por meio de seleção dessas unidades extraídas do *corpus*, ou mesmo de recortes de recortes, observados os objetivos da pesquisa.

Nesses recortes, o analista pode analisar cada enunciado como Foucault ([1969] 1995, p. 124) o concebe, que é como um “elemento suscetível de ser isolado e capaz de entrar em jogo

de relações com outros elementos semelhantes a ele”. Para este autor, o enunciado é um pequeno fragmento que precisa de um suporte material, tem uma data e lugar, e é produzido por um sujeito não podendo ser confundido com palavra ou frase.

O conceito de enunciado não se limita ao de signo linguístico, pois língua e enunciado não estão no mesmo patamar de existência. Nesse sentido, Courtine ([1990] 1999, p. 16) afirma que ao tratar do discurso não se está tratando da língua, quer dizer, “de uma ordem própria, distinta da materialidade da língua, [...] mas que se realiza na língua: não na ordem do *gramatical*, mas na ordem do *enunciável*”. Um enunciado pode ser além de palavras ou frases, símbolos, imagens, gráficos, organogramas, desenhos, etc. É como “um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo no discurso.” (FOUCAULT, [1969] 1995, p. 90) e ele é “ao mesmo tempo, não visível e não oculto” (*Ibidem*, p. 126).

Ora, é não oculto, pois se materializa sob a forma de signos efetivamente produzidos, e não visível, pois no momento de sua irrupção ele não é mais o mesmo, sendo “necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo” (*Ibidem*, p. 128). Lembremo-nos de que “todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um ‘jamais-dito’” (*Ibidem*, p. 28).

Não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo. (FOUCAULT, [1969] 1995, p. 114)

Analisar os enunciados nos leva a refletir sobre as regras que estabelecem suas condições de existência, de aparição, sua produção na história, quais são suas correlações com outros enunciados, qual seu papel desempenhado em meio a outros neste jogo enunciativo, seus limites e qual a memória retomada e efeitos de sentidos produzidos neste contexto. Desse modo e sob essa base teórico-metodológica, a análise se dá não na busca de um sentido veraz, mas do “real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” como expõe Orlandi (2009, p. 59). Nesse processo de interpretação, o analista deve buscar apreender as margens discursivas considerando a opacidade, a não fixidez dos sentidos, as heterogeneidades, as inconsistências e as contradições próprias do discurso.

É relevante compreender que a AD foi uma teoria marcada por rupturas, formulada e reformulada por Pêcheux até a sua morte em 1983. Este teórico deixou em aberto a possibilidade de reconfigurações epistemológicas uma vez que novos suportes (midático, audio-visual) surgiram e reclamariam novos dispositivos analíticos. Em seus últimos textos, mais especificamente na obra *Discurso: Estrutura ou Acontecimento?* Pêcheux ([1983] 2002) demonstra na análise do enunciado *on a gagné* que a materialidade do enunciado se funde com o acontecimento histórico, e neste exercício de análise pontua as transformações políticas operadas pela mídia na França naquela época. Desde então, os suportes evoluíram. Os discursos não são mais os mesmos, pois os veículos que os sustentam sofrem constantes mutações. Neste ponto, questionamos: como fica a questão das análises de cunho semiótico atualmente? Quais dispositivos teóricos o analista do discurso lançará mão diante da complexidade discursiva atual que imbrica palavras, imagens e suas substâncias?

A AD, reiteramos, não nasceu completa e os procedimentos metodológicos parecem-nos que nunca serão completos, pois a sociedade e os suportes dos discursos passarão por inevitáveis mutações. Assim, é um campo de pesquisas que precisa desenvolver dispositivos teóricos face às transformações sociais e consequente evolução tecnológica dos suportes midiáticos. Nas palavras de Pêcheux:

o paradoxo da Análise do Discurso encontra-se na prática indissociável da reflexão crítica que ela exerce sobre si mesma sob a pressão de duas determinações maiores: de um lado, a evolução problemática das teorias linguísticas; e de outro, as transformações no campo político-histórico. São, portanto, dois estados de crise que se encontram no ponto crítico da Análise do Discurso. (PÊCHEUX, [1981] 2009, p. 21)

Tendências metodológicas pós-Pêcheux

Após a constituição desta disciplina e a morte de Pêcheux em 1983, os trabalhos em AD na França se desviaram do paradigma histórico e se voltaram para estudos lexicométricos e gramaticais². Afirmamos isso, porque parece haver um retrocesso teórico na disciplina do

² Há uma tendência lexicométrica nos trabalhos publicados pela revista francesa *Mots, Les langages du politique* sobre o discurso político nas duas últimas décadas. Os trabalhos de Patrick Charaudeau também não contemplam a dimensão histórica do enunciado, além de minimizar a relação dos *media* com o discurso. As pesquisas de Damon Mayaffre também se voltam para a tendência lexicométrica nos estudos sobre o discurso político contemporâneo (cf. PIOVEZANI, 2006, p. 248).

outro lado do continente. Neste ínterim, Courtine (2009, p. 13) declara que Pêcheux “jamais foi reconhecido” em seu país, pontuando o distanciamento entre os estudos franceses contemporâneos e as ideias originárias desse filósofo.

No Brasil, em contrapartida, diversos estudos mantiveram o enfoque na dimensão histórica do enunciado. Certamente, isso não significa pressupor a exclusividade de trabalhos nessa vertente. Todavia, é salutar afirmar que as sementes lançadas por Pêcheux encontraram terreno fértil no Brasil mais do que em seu próprio país. Diante destas reflexões, é preciso compreender que a AD é um campo aberto a revolvimentos em seu terreno epistemológico, pois o contato com novos objetos reclama a necessidade de novas ferramentas, novos conceitos.

Negar o desenvolvimento da teoria é ir contra as ideias do próprio fundador da AD, pois Pêcheux ([1983] 2002) é enfático em criticar a simplificação unívoca, o mundo “semanticamente normal”, a aparente estabilidade lógica de regiões heterogêneas do real. Suas próprias reflexões são marcadas por rupturas e avançam deixando abertura para pesquisas posteriores.

Novos objetos, novos dispositivos

Analisar os complexos dispositivos modernos e as recentes estratégias que envolvem palavras, imagens e sons são questões pertinentes na atualidade. Deparamo-nos com um campo disciplinar fecundo, e que reclama novos procedimentos de análise face ao desenvolvimento tecnológico contemporâneo. Recursos e técnicas de tratamento imagéticas por meio de *softwares* profissionais como o *Photoshop* e *Corel Draw* permitem possibilidades infinitas de criação e mutação de imagens. Poderíamos afirmar que é o tempo da *fluidéz imagética*, uma vez que tais ferramentas permitem a invenção e manipulação de qualquer produto visual.

Isto posto, compreendemos que esta (r)evolução tecnológica no campo da arte e *design* demandará estudos que consigam lidar com a complexidade destas questões. “O discurso não pode mais ser dissociado da produção e recepção de imagens. A mensagem política não é mais unicamente linguística, mas uma colagem de imagens e uma performatividade do discurso que deixou de ser prioritariamente verbal” (COURTINE, 2006, p. 84-85).

Na esteira destas reflexões percebemos que a imagem é constitutiva dos discursos na atualidade: “a imagem desempenha um papel importante, uma vez que possibilita agregar uma comunidade de olhares e colocar os possíveis leitores ou espectadores diante de um mesmo ponto de vista” (NAVARRO, 2006, p. 80). Assim como há diferentes formas de silêncio (ORLANDI, 1995), sendo que ele não precisa se referir ao dizer para significar, descentralizando a linguagem verbal do próprio silêncio, a interpretação do sentido das imagens pode estar desvinculada do plano verbal. É a visualidade que possibilita a existência, a forma material da imagem e não a sua correlação com o verbal.

Assim, nestes avanços de cunho epistemológico diante de novos suportes tecnológicos, Courtine apresenta-nos a noção de intericonicidade como forma de analisar uma imagem. Para este teórico, toda imagem se inscreve em uma cultura visual sendo que essa cultura supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens. Para Courtine sempre que uma imagem é vista, outras são lembradas, rememoradas. Em outras palavras, toda imagem se vincula ao que lhe é exterior e se liga a elementos dispersos no social. Essa memória, intitulada *intericonicidade*, é conceituada por Courtine da seguinte maneira:

toda imagem se inscreve numa cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens. Toda imagem tem um eco. Essa memória das imagens se chama a história das imagens vistas, mas isso poderia ser também a memória das imagens sugeridas pela percepção exterior de uma imagem. Portanto, a noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe a relação de uma imagem externa, mas também interna. As imagens de lembranças, as imagens de memória, as imagens de impressão visual, armazenadas pelo indivíduo. Imagens que nos façam ressurgir outras imagens, mesmo que essas imagens sejam apenas vistas ou simplesmente imaginadas. (MILANEZ, 2006, p. 168)

Destarte, sob a ótica de Courtine (2006) a noção de intericonicidade concerne às imagens que são ressurgidas, lembradas, evocadas quando vemos ou simplesmente imaginamos uma imagem. Assim, essa noção refere-se ao diálogo de uma imagem com outras exteriores a ela. Para este teórico a noção de intericonicidade é comparada com a noção de enunciado proposta por Foucault ([1969] 1995), pois da mesma maneira que um enunciado pertence a uma rede de formulações, uma imagem está inscrita em meio a uma série de

imagens. A análise do não verbal é possibilitada observando o funcionamento de dada exterioridade ecoada no suporte imagético. Portanto, na esteira de Courtine (2006), pensar uma memória das imagens é pensar uma história das imagens vistas que são sugeridas pela percepção exterior de dada imagem.

Essa discussão de cunho semiótico interessa aos analistas do discurso na atualidade no que tange ao procedimento metodológico adotado. O trabalho com imagens abre espaço para novas investigações e possibilita ao pesquisador em AD contemplar até mesmo brechas para reconfigurações epistemológicas. Como ilustração, em recente colóquio em AD³ essa discussão foi levantada e discorreu-se sobre a disparidade⁴ existente entre a imagem veiculada pela mídia e sua respectiva legenda. Na verdade, o enunciado linguístico neutraliza a polissemia da imagem e orienta sua interpretação.

Esses debates de cunho epistemológico, reiteramos, são todos possíveis uma vez que as condições históricas não são as mesmas daquelas do início dos anos 80; conseqüentemente, faz-se necessário estabelecer dispositivos de análise que venham ao encontro das novas materialidades nos diversos tipos de discursos que possam ser analisados. Neste sentido, Courtine afirma:

Não penso, portanto, que a Análise do discurso, tal como a praticávamos ontem e tal como ela é ainda hoje frequentemente concebida, essa que continua a ser uma análise do texto verbal, esteja apta a interpretar e a compreender essas transformações. É necessário pensar em outros objetos, inventar outras ferramentas, conceber outras Análise do Discurso (poderemos, aliás, ainda chamá-la assim?...) que continue tão atenta ao peso da história quanto às metamorfoses dos materiais discursivos significantes. (2008, p. 14)

Para Piovezani (2006, p. 245) existe certo descompasso entre as transformações do objeto analisado e o alcance interpretativo da teoria e do método que tentam compreendê-lo. Nas reflexões deste analista, o desenvolvimento de estudos que se voltam para este campo do saber no Brasil poderia ter avançado mais⁵. Dito de outro modo, as abordagens e estudos na

³ Referimo-nos à fala da Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin no VII SEPELLA – Seminário de Pesquisa em Linguística e Linguística Aplicada realizado em dezembro de 2009 na Universidade Federal de Uberlândia.

⁴ O que se debateu foi a amplitude dos efeitos de sentido produzidos pela legenda em relação à imagem correspondente em textos midiáticos impressos.

⁵ É salutar afirmar que o objeto de pesquisa deste teórico é o discurso político.

atualidade não são suficientes e ainda não consideraram efetivamente as novas formas de discurso político a despeito de já existirem diversas pesquisas que contemplam este tipo de discurso no Brasil, mas que se voltaram para *corpora* escritos ou orais que foram transcritos.

Breve exercício analítico

Por fim, como analistas do discurso e levando em consideração os procedimentos teórico-metodológicos acima apresentados, realizaremos, nesse momento, a análise discursiva de duas imagens. As mesmas foram produzidas pelo mesmo sujeito enunciativo em contextos semelhantes. Tomamos uma capa e uma imagem veiculadas pela Revista Veja ao discorrer sobre o suposto escândalo do mensalão e referindo-se diretamente ao Partido dos Trabalhadores.

A primeira imagem é uma capa publicada por Veja em 10/08/2005 e que nos interessa pela questão do enunciado nela presente. O título do artigo publicado neste veículo midiático intitula-se *As cores da crise* e faz referência às cores verde-e-amarelo presentes nos dois “1” símbolo das *Diretas Já* surgido em meados de 1983 que reivindicava a eleição direta a presidente da República. Este emblema foi também utilizado por Collor em sua campanha eleitoral como forma de caracterização da “democracia” e de um novo tempo presidencialista no país. Todavia diante dos escândalos que envolveram seu governo e de suas estratégias políticas inicia-se um maciço movimento em 29 de maio de 1992 clamando por seu *impeachment*. As crescentes manifestações públicas somadas ao forte engajamento da sociedade culminam em sua renúncia em 29 de dezembro de 1992.

O que caracterizou os *caras pintadas* era que eles almejavam somente a derrocada do presidente, tanto é que, logo após conseguir seu objetivo, este grupo se extinguiu. Na memória social ficou atrelado aos caras pintadas e, por conseguinte, aos riscos verde-e-amarelo, os gritos, o descontentamento pelo confisco da poupança nacional que reteve o dinheiro dos cidadãos nos bancos levando empresas à falência, e dizeres como “Fora do Planalto” e “*Impeachment* nele”. Assim, respondendo a crimes por enriquecimento ilícito e evasão de dívidas, Fernando Collor teve que deixar o cargo precocemente para não sofrer um processo de impedimento e consequente perda de outros direitos políticos. Do *status* de “caçador-de-marajás” respeitado e aceito, ele se torna “confiscador” e “criminoso” rejeitado e odiado pela população. Por conseguinte, e paradoxalmente, o emblema bicolor que deveria ser uma sigla

da democracia tornou-se ícone da corrupção.

Mais de uma década depois, em agosto de 2005 o emblema é retomado nesta capa de *Veja* em outro contexto político e inserido em um nome cuja grafia esperar-se-ia apresentar com apenas um “l”. Assim, a imagem como operadora de memória retoma uma constelação de enunciados envolvendo os acontecimentos de 1992. Conforme diz Foucault ([1969] 1995) é preciso buscar na exterioridade de um determinado enunciado as regras de sua aparição. Esse enunciado é povoado por outros enunciados, são constitutivas de suas margens a tensão, o descontentamento, o desejo renhido por mudança. Este símbolo evoca *facta praeterita*, ou seja, o repúdio dos caras-pintadas da época. A comparação implícita de “LuLLa” com “CoLLor” sugere/propõe um novo *impeachment*. É relevante também o título da matéria “As cores da crise”. Por que as cores da crise? Para Foucault um enunciado implica uma posição-sujeito ou função exercida por vários sujeitos. Como dito, compreende-se que ao buscar as regras de aparição deste enunciado volta-se para os eventos sucessivos do início da década de 1990. Assim, na esteira de Foucault ([1969] 1995, p. 135), este discurso como fragmento na história, como unidade e descontinuidade na própria história coloca o problema não de seu surgimento abrupto no tempo, mas de seus próprios cortes e limites. *As cores da crise* retoma a busca da sociedade pela democracia que se perdeu.

A segunda imagem, publicada em 12/09/2007, integra a matéria *A Second Life do petismo – Pelas ideias delirantes e pela tese de que o mensalão não existiu, o congresso do PT parece coisa do mundo virtual*. Esta se apresenta com os “avatars” José Dirceu, José Genuíno, do Presidente Lula e de Ciro Gomes que, embora não seja do PT, é aliado político, vestidos com terno e gravata em uma tela de computador. Neste ínterim, o presidente e seus companheiros estão diante de um dos símbolos mais importantes da nossa política, sinônimo de respeito e orgulho nacional: o Palácio do Planalto. É neste lugar que “somente” o presidente-avatar Lula aparece voando, ou seja, tem poderes e qualidades que ele não possui na vida real. A imagem lembra a tela de um *videogame*.

Courtine, *apud* MILANEZ (2006, p. 168), menciona que “toda imagem se inscreve numa cultura visual [...] toda imagem tem um eco”. Dito de outra forma, nenhuma imagem é neutra, ela tem sempre uma razão de existir, pois se vincula ao que lhe é exterior, a elementos dispersos no social, ao histórico, está ligada a outras imagens-discursos, é ideológica e ecoa sentidos.

Se por um lado, os petistas têm poderes e qualidades neste mundo virtual, na prática, isso não acontece. Na verdade, essa imagem é uma autoimagem petista esboçada sob a ótica do sujeito-enunciador. É uma virtualidade em conseguir grandes feitos, somente em um mundo imaginário, pois no mundo real isso é impossível, não é verdadeiro.

Esta imagem somada ao jogo de palavras em tom irônico produz efeito derrisório⁶, que é a associação do dichote com a agressividade. O humor se revela tanto no poder de voar exclusivo de super-heróis como nos traços físicos avantajados: cada rosto proporcionalmente maior do que o normal quase equivalente ao tamanho do tronco. Tudo isso em um cenário paradoxal onde o que se espera de políticos vestidos em ternos bem alinhados é que mantenham um perfil policiado e distinto, todavia eles troçam. A caricatura em contraste com o que a ordem do discurso solicita subtrai-lhes a legitimidade.

Analisando a construção discursiva, pautados na noção de intericonicidade, compreendemos que os efeitos de sentido são possíveis a partir de uma memória que é retomada, a do sujeito-pobre-nordestino-sem-curso-superior em uma posição que deveria ser ocupada por alguém que não advém de tal conjuntura econômica e sócio histórica. Segundo Pêcheux ([1975] 1988, p. 51) a imagem é um operador de memória social, sendo que comporta dentro dela um programa de leitura, um percurso escrito em outro lugar. Há ironia e irreverência no antagonismo criado diante do sujeito-capaz virtual *versus* o sujeito-incapaz do mundo real. A ironia é possível pela negação do que é afirmado ao colocar tais declarações no plano virtual, na *second-life*.

Por fim, essa negação-afirmação perpassada pela memória acontece não somente no plano não verbal, mas também no verbal, especialmente quando se utiliza de *layout* específico com espaçamento duplo dividindo o texto em duas partes (remontando à passagem virtual-real).

Últimas considerações

Após estas considerações, compreendemos que fazer análise de discursos não é simples: há o eterno dilema (conflituoso, por sinal) do discurso com a linguística, há a questão da história – língua e história se fundem e são perpassadas pelo inconsciente, pelo Outro

⁶ Simone Bonnafous (2003) discorre sobre o conceito de derrisão em *Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen*.

discursivo. Pêcheux se inquietava, nunca se contentava com o lógico, com o semanticamente normal e estabilizado. Pelo contrário, buscou o caminho mais árduo no estudo dos sentidos dos discursos. Criou, analisou, alterou, apagou, refez, acrescentou, retificou, não concluiu...

Na verdade, as revisões teórico-metodológicas são constitutivas da disciplina. Em AD não se fala em metodologia pronta, formada. Pelo contrário, a aventura maior em enveredar-se por este percurso é que o discurso é atravessado pelas falhas, opacidades, contradições que lhe são constitutivas, ou, em outras palavras, por suas heterogeneidades.

Neste trajeto marcado por contradições teóricas diante das fendas permitidas pelas disciplinas talvez fosse mais cômodo sucumbir e abrir mão do objeto *discurso* e integrá-lo à linguística, à história ou, talvez, à psicanálise. Mas Pêcheux não se intimidou. Seus trabalhos foram marcados por rupturas e deslocamentos e sua morte o impede de continuar o projeto. A trajetória da AD que é indissociável de seu fundador traz à nossa memória as palavras de Guimarães Rosa:

O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem

(Guimarães Rosa)

Para concluir, percebemos que o sujeito enunciador que analisamos toma um lugar político partidário, não como um homem político, mas como se o fosse defendendo seu(s) lugar(es) e utilizando-se de estratégias que confirmam suas predileções partidárias.

Referências Bibliográficas

COURTINE. Jean-Jacques. **O discurso inatingível**: Marxismo e Linguística (1965-1985). Tradução de Heloísa M. Rosário. In: Cadernos de tradução – n. 6/jun. 1999. Porto Alegre: 1999. p. 5-18.

_____. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Discurso e mídia** – a cultura do espetáculo. São Carlos (SP): Editora Claraluz, 2003. p. 21-34.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984. p. 229-249.

_____. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995. 239 p.

_____. **A ordem do discurso**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 79 p.

_____. Outros Espaços. In: MOTTA, M. (Org.). **Michel Foucault: Estética: Literatura e Pintura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos & Escritos v. III).

_____. **Microfísica do poder**. Trad. de Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007. 296 p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. **Vozes e contrastes: Discurso na Cidade e no Campo**. São Paulo: Editora Cortez, 1989. 151 p.

_____. **As formas do silêncio – no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. 184 p.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100 p.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1988. 317 p.

_____. A Análise do Discurso: Três Épocas (1983). In: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: EDUNICAMP, 1990. p. 311-318.

_____. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* **O papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

_____. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002. 68 p.

_____. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político – o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos (SP): EdufScar, 2009. p. 21-26.

SAUSSURE, Ferdinand de. [1916]. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1971. 279 p.

VEJA. As cores da crise. In: **Revista Veja**. Edição 1917, 10/08/2005. São Paulo: Editora Abril, 2005.

_____. *A second-life* do petismo. In: **Revista Veja**. Edição 2025, 12/09/2007. São Paulo: Editora Abril, 2007.